



MARCELLO ROLLEMBERG

O futuro do livro

ou a crise na cibercultura

**MARCELLO
ROLLEMBERG**

é jornalista,
escritor, professor
universitário e autor
de *Papel-jornal –
Artigos de Jornalismo
Cultural* (Ateliê).

N

a última década, a comunicação como a conhecíamos até finais do século XX sofreu uma profunda metamorfose. A entrada em cena da informática e de todas as ferramentas que possibilitaram uma nova visada quanto às formas das

sociedades interagirem levou o planeta a um tamanho menor ainda do que aquele que McLuhan anteviu nos anos 60 e chamou de “aldeia global”. Os contatos planetários aboliram latitudes e vemos, em tempo real, os fatos se descortinarem diante de nossos olhos. Internet, Facebook, twitter e outras formas eletrônicas de comunicação têm ocupado cada vez mais espaço nesta sociedade que poderíamos chamar de “cibercultura”.

Dentro desse contexto, uma pergunta é recorrente: qual será, afinal, o futuro do livro impresso tal qual o conhecemos e que, salvo algumas mudanças de caráter tecnológico em sua impressão, se mantém intocado há mais de 500 anos? Essa questão parece não ter um fim próximo, pois arautos da cibercultura a todo momento apontam como próximo o fim do livro impresso. A entrada em cena de formas eletrônicas de acesso à leitura, como o e-book e o mais

recente Kindle, da americana Amazon – este capaz de armazenar mais de mil livros –, colocou ainda mais tensão numa discussão por si só já um tanto acalorada. Em abril, a Editora Record publicou um livro de Umberto Eco no qual o semiólogo italiano discorre e discute exatamente acerca desse tema – ele que vem sendo um dos mais ardorosos defensores da sobrevivência do livro ou de sua coexistência pacífica com as novas tecnologias.

Este artigo pretende justamente colaborar com essa discussão, trazendo ideias a respeito do possível futuro do livro e tratando, aqui, de sua função cultural no contexto dessa nova sociedade de informação. Pois, como diz Bragança (2005, p. 487).

“O livro foi e é memória do conhecimento construído, disponível nas estantes – em lugares de forma escassa, em outros, abundantemente – para nossas leituras e pesquisas e, ao menos desde o Renascimento, criador da forma hegemônica de nosso modo de pensar, impondo-nos a linearização e a lógica, exigindo e valorizando o uso da razão para decifrar signos e construir sentido”.

A PALAVRA NO CRISTAL

Essa explicação que Bragança dá em seu artigo “O Pretérito do Futuro do Livro” vem sendo a mola mestra a impulsionar o papel do livro na história da humanidade. Esse papel, inclusive, não parece ameaçado com o advento do livro eletrônico, posto que o conhecimento continuará a ser difundido – não mais na palavra impressa, mas sim naquela que aparece na tela de cristal líquido. Não é esse problema que se pretende discutir aqui, mas sim o futuro do livro como objeto e sujeito, como artigo e meio de comunicação. Como extensão do homem e de sua humanidade, o que o livro eletrônico pode vir a eclipsar.

Um dos principais argumentos daqueles que apregoam o fim do livro – iminente ou não – diz respeito ao fato de, primeiro, o livro eletrônico ter uma função, digamos,

mais “ecologicamente correta”, não demandando corte e derrubada de árvores para a confecção do produto livro. Outra justificativa, mais séria talvez e até mais plausível, defende que um livro eletrônico pode acumular centenas de edições em seus arquivos, milhares de páginas colocadas à disposição do leitor a partir de um único aparelho eletrônico. Essa justificativa faz sentido, mas este artigo não pretende, indo em uma contramão improvável, defender aqui o fim do livro eletrônico ou a sua ineficácia. Não se trata disso, até porque seria *naïf* e obscurantista atacar aparatos eletrônicos em meio a esse turbilhão que é a pós-modernidade. O que pretendemos aqui é defender a “humanidade” do livro e a “humanização” de sua utilização. Essa discussão ganha ressonância em vários quadrantes, e vem desde o início do novo milênio, como afirma Rouanet (2003): “Sem dúvida, esse estado de espírito, estimulado pela mudança do século e do milênio, talvez se dissipe quando passar a vaga de excitação milenarista”. E continua o diplomata e pensador da cultura:

“Entre as diversas coisas que estão acabando, um lugar de honra é reservado ao livro, em face da atual difusão da tecnologia digital. Bill Gates e outros agentes da ‘biblioclastia’ se regozijam com tal situação e se transformam nos profetas inspirados da deusa Web. Mas, em geral, os intelectuais se horrorizam. Até nisso, manifesta-se o caráter ‘milenarista’ do clima atual” (Rouanet, 2003, p. 57).

Essa querela “milenarista”, como nomeia Rouanet, tem um foco mais determinado nas funções explícitas do livro eletrônico e em um aspecto determinado: sua portabilidade. Como afirma Bragança (2005), “a desmaterialização do texto virtual tem levado algumas editoras e muitos centros de pesquisa a buscar um substituto do papel para os livros, que tenha as vantagens da leveza e instantaneidade da internet, mas permitindo a mesma portabilidade do livro impresso”. O livro eletrônico em suas várias configurações se assemelha no

aspecto físico a um *pocket book*, não muito mais que isso. E, em uma engenhoca de tamanho diminuto, concentram-se centenas de exemplares esperando para ser lidos. A essa portabilidade, então, une-se um outro aspecto: a praticidade. Concordamos com ambas as justificativas do universo da cibercultura que defendem o livro eletrônico, mas com uma ressalva: não vemos esse artefato como “meio de comunicação”, mas sim como “ferramenta de comunicação”, a ser utilizada em momento específicos. Senão, vejamos.

Um pesquisador que viaja para proferir uma palestra ou realizar estudos certamente se veria atarantado por ter que carregar vários exemplares em sua bagagem. Nesse aspecto, o e-book tem um papel relevante. Mas e sua utilização cotidiana e prazerosa, a relação mais profunda e amiúde que une leitor e livro – e não estamos falando aqui de bibliófilos, mas de leitores comuns, mas constantes? Essa relação tende a ser solapada pela assepsia do livro eletrônico. Essa característica asséptica do e-book é o contrário daquilo que o britânico Holbrook Jackson (2001) chamou de “os cinco sentidos do livro”: o livro em papel, afirma Jackson, instiga todos os sentidos do ser humano, desde o prazer visual de uma bela encadernação e paginação, passando pela sensação da textura da página e ao ouvir em voz alta as palavras que ali estão impressas. “Sentir” o livro é algo que não se dá com o livro eletrônico. Por mais que se tente emular suas formas e seu aspecto, ainda assim será uma caixa de acrílico ou metal com uma tela de cristal líquido.

O próprio Kindle, o recém-lançado livro eletrônico da americana Amazon, é um exemplo disso. Simulacro de livro na forma e no aspecto – ele abre sua capa de couro como um livro e suas páginas digitais são belamente adornadas –, ainda assim ele é um aparelho. Entendemos que, desde que Benjamin escreveu a respeito da reprodutibilidade técnica da obra de arte, temos visto simulacros de arte passando efetivamente por arte. “Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na his-

tória intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente” (Benjamin, 1996, p. 166). É certo que Walter Benjamin se referia à arte pictórica, mas podemos – numa certa liberdade poética e acadêmica – fazer uma ilação daquilo que ele escreveu com a reprodutibilidade técnica do livro em papel para seu simulacro, o livro eletrônico.

Voltando ao Kindle, o desejo de seus criadores em fazê-lo parecer um livro de fato, e não virtual, chega ao requinte de permitir – diferentemente de outros e-books – que se façam anotações em suas margens. De forma virtual, é claro. Essa prática procura também imolar o velho e saudável hábito de fazer anotações pessoais nas páginas de um livro impresso, colocando-se ali pensamento, reflexões ou ponderações acerca do que foi lido. Esse tipo de incursão no texto impresso por parte do leitor é muito valorizado por bibliófilos e mesmo pesquisadores, que procuram nas margens de uma página as considerações elucidativas – talvez – que um ou mais leitores possam ter feito. O Kindle procura trazer essa “humanização” da leitura e da interferência do leitor para suas páginas virtuais. Mas, ainda assim, somos obrigados a nos repetir: é simulacro.

Porque, como já dissemos anteriormente, a relação é asséptica. O texto virtual, em cristal líquido, pode ser mexido inúmeras vezes, é certo, e sempre aparecerá “limpo” ao editor e ao leitor. Não há a presença da interferência autoral, não há, como aludimos parágrafos atrás, a “humanização” do texto e do livro. Ou, pelo menos, essa interferência não é visível, muito menos notada. Aqueles que apregoam um possível fim do livro impresso e sua substituição pelo livro virtual voltam-se para a praticidade, mas deixam de lado – muitas vezes sem o perceber – o ato humano, demasiado humano que é a leitura de um livro e o envolvimento do leitor com o objeto livro. Que também se transforma em sujeito com suas particularidades, suas imperfeições até. Um livro mal-acabado, encadernado com a capa ao contrário, por exemplo, pode se transformar num item de colecionador – dependendo, claro, do

livro e do autor. E onde o autor colocaria seu autógrafa, sua dedicatória? Seriam eles também virtuais? O humano e a humanização passam longe nesse quadro pintado talvez com cores por demais berrantes e exageradas. Mas não se trata aqui de uma digressão, mas sim de enumerar distinções entre o livro impresso e sua versão virtual para podermos discutir a própria cultura desse novo milênio que já entrou em sua segunda década e ainda apresenta muitas questões a serem respondidas.

Será que estamos vivenciando aquilo que Rouanet chamou de embate entre cultura e civilização? Diz ele:

“Com o advento da modernidade, que consagrou a hegemonia da classe burguesa e pôs em circulação valores mercantis associados ao lucro e ao utilitário, o fantasma do fim da cultura define-se sob uma nova forma, a da oposição entre cultura e civilização. A cultura definia a esfera simbólica – religião, arte, literatura –, enquanto a civilização referia-se ao mundo material, o da economia e da técnica” (Rouanet, 2003, p. 59).

Nesse caso, será que teríamos o livro impresso como representante da “cultura” e o livro eletrônico como preposto da civilização? Talvez seja possível fazer essa leitura, por mais que ela possa encerrar alguma incorreção. Até porque nessa discussão não podemos – nem devemos – ser peremptórios. Porque, de fato, encontramos em uma encruzilhada cultural, e o livro como o conhecemos – e todo o seu processo industrial e autoral – é apenas um exemplo das várias dúvidas levantadas nesse caminho. Haja vista a quantidade de livros disponibilizados diretamente na Internet e a possibilidade de sua aquisição diretamente do autor a preços que, na Grande Rede, podem chegar a apenas 1 dólar. Como afirma Corral (2003, p. 195),

“Até há pouco, o ‘capital cultural’, esse conjunto de elementos simbólicos, permanecia fixado em um suporte de papel, decodificado pelo viés da leitura e rentável em virtude de sua capacidade de circula-

ção. O editor era o último elo da cadeia de direito autoral em um esquema que havia conseguido superar, sem dificuldades e, até mesmo, com vantagens, o advento de sucessivos desenvolvimentos tecnológicos – jornais cotidianos, cinema, televisão, novas tecnologias de impressão –, condenando ao ridículo todos os agourentos que anunciavam a morte do livro. Neste

momento, assistimos à desmaterialização do suporte e ao questionamento do direito autoral por parte dos usuários da internet, cujo interesse pela gratuidade dos conteúdos coincide com o dos novos autores e operadores de redes que têm tomado o lugar do editor na extremidade desta cadeia. Importantes mudanças têm ocorrido, igualmente, do lado da demanda de bens e serviços culturais em um contexto mundial em que predominam as assimetrias, fortalecidas pela globalização comercial e tecnológica”.

A disseminação da tecnologia, os avanços da cibercultura são fatos. E devemos ser gratos a eles. Mas não podemos permitir que nos abduzam. Há formas e formas de se disseminar e transferir cultura. Há, como falamos há pouco, os meios e as ferramentas. Não devemos confundir as matrizes, sob o risco de confundirmos a nós mesmos. Mas não podemos deixar de compreender que, como afirmou Adorno, “quem fala de cultura fala também de administração”. É justamente a essa “administração cultural” que precisamos nos ater para percebermos as diversas nuances com as quais a sociedade e a cultura da sociedade – e sua vertente pós-moderna, o que denominamos aqui de cibercultura – são apresentadas. Instituir o fim do livro – ou o seu futuro fim – é radicalizar. Assim como dar as costas para os adventos tecnológicos também. Há caminhos traçados para ambas as vertentes – e público também. Se vivemos numa época de negócios globalizados, em que o meio capitalista dá as cartas, precisamos compreender bem as regras elaboradas para tal jogo. Mas, ao mesmo tempo, devemos conhecer atalhos e novos caminhos, por mais que esses “novos” possam ser trajetos já por demais conhecidos. O livro no suporte papel e sua versão eletrônica são exemplos disso e o reflexo de uma crise de cultura que estamos vivenciando na contemporaneidade, na qual não parece haver espaço para meios-tons e um certo viés de radicalismo tecnológico parece despontar. Nada mais equivocado, nada mais obscurantista, quase um arremedo da



inócua discussão que confronta criacionistas e evolucionistas. Porque, como afirma o dístico que envolve o relógio da principal praça da Universidade de São Paulo, na capital paulista, “no universo da cultura, o centro está em toda a parte”.

CONCLUSÃO

O artigo aqui exposto pretendeu apresentar algumas ideias acerca da discussão referente ao possível fim do livro no suporte em papel e sua substituição pelo livro eletrônico – mais prático, mas fácil de carregar, com imensa capacidade de acumular textos. A criação de e-books semelhantes às formas do livro convencional só reforça a ideia de que o livro tal qual o conhecemos vai perdurar e seus simulacros são, como afirma Bragança (2005), formas de seduzir o novo leitor. “Busca-se nas novas formas técnicas

e nos novos suportes alcançar as características da forma anterior para agradar aos consumidores tradicionais do livro.”

Dessa forma, podemos entender que o livro em papel – com todas suas eventuais e maravilhosas imperfeições – perdure, por mais que seu futuro para alguns possa parecer incerto. Mas não improvável. Haverá – como já há – dois caminhos paralelos, que podem se tangenciar, mas dificilmente um, o livro eletrônico, acabará por obstaculizar o outro, encadernado e impresso em papel de qualidade.

Para finalizar e concluir essa discussão, no final das contas talvez o melhor exemplo da permanência do livro impresso tenha sido dado exatamente por um daqueles que mais alardeiam o seu fim: Bill Gates. Quando quis apresentar suas ideias para um futuro tecnológico, um maravilhoso mundo novo no qual o livro eletrônico e a informática dariam as cartas, Gates não lançou suas ideias na internet. Ele escreveu um livro.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. “Cultura y Administración.” Sem referências.
- BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica”, in *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- _____. “Guarda-livros Juramentado” [1926], in *Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BRAGANÇA, Aníbal. “O Pretérito do Futuro do Livro”, in Márcia Abreu e Schapochnik (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil. Objetos e Práticas*. Campinas, Mercado das Letras, ALB, 2005.
- CORRAL, Milagros Del. “A Cultura do Escrito na Era da Globalização: Qual o Futuro do Livro?”, in Eduardo Portella (org.). *Reflexões sobre os Caminhos do Livro*. São Paulo, Moderna/Unesco, 2003.
- EPSTEIN, Jason. *O Negócio do Livro: Passado, Presente e Futuro do Mercado Editorial*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- JACKSON, Holbrook. *The Anatomy of Bibliomania*. University of Illinois Press, 2001.
- MACHADO, Arlindo. “Fim do Livro?”, in *Estudos Avançados*, v. 8, nº 21, maio-agosto/1994. São Paulo, Universidade de São Paulo, pp. 201-14.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix, 1969.
- _____. *A Galáxia de Gutenberg. A Formação do Homem Tipográfico*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Edusp/Nacional, 1972.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “Do Fim da Cultura ao Fim do Livro”, in Eduardo Portella (org.). *Reflexões sobre os Caminhos do Livro*. São Paulo, Moderna/Unesco, 2003.